

A representação da mulher nas músicas de Vaquejada

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher em letras de músicas da vaquejada. A partir do site Vagalume® foram selecionadas as sessenta primeiras músicas do ranking, utilizando a palavra vaquejada no campo de busca da página. Para garantir a validade interna foi criada uma *Ficha de Verificação de Relevância de Músicas para Vaquejada*. A Ficha foi respondida por três especialistas. Foram incluídas as músicas consideradas por dois ou mais especialistas como de “muita” relação com a vaquejada, contabilizando 19 canções. As letras foram analisadas através da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011). Foram criadas três categorias: “a mulher como objeto de entretenimento”, “a invisibilidade da mulher” e “a figura feminina romantizada”. Concluiu-se que as letras das músicas analisadas reproduzem determinados estereótipos do contexto social mais amplo, pontuando o corpo e a identidade das mulheres como objetos disponíveis aos desejos e ao prazer masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Vaquejada. Música.

Anyelle Brito Leite Santos

E-mail:
anyelle_santos@hotmail.com
Faculdade de Ciências Aplicadas e
Sociais de Petrolina, Petrolina,
Pernambuco, Brasil

Camila Batista Gama Moura

E-mail:
camilabatista.g@gmail.com
Universidade de Pernambuco,
Petrolina, Pernambuco, Brasil

Tassia de Souza Cavalcanti

E-mail:
tassia.cavalcanti@gmail.com
Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Sertão
Pernambucano, Petrolina,
Pernambuco, Brasil

Diego Luz Moura

E-mail: lightdiego@yahoo.com.br
Universidade Federal do Vale do
São Francisco, Petrolina,
Pernambuco, Brasil

INTRODUÇÃO

Ao longo da história algumas mulheres reivindicaram o seu lugar na sociedade, mas foi no final do século XIX que as reivindicações tomaram maior proporção. Nesse período, um grupo de mulheres promoveu manifestações em Londres em busca de igualdade de direitos civis, políticos e educacionais. O direito ao voto foi uma das conquistas adquiridas e popularizadas na época. Esse período ficou conhecido como primeira onda do feminismo e teve seu início na Inglaterra (PINTO, 2010).

A segunda onda do feminismo ressurgiu na década de 1960 e perdura até o fim da década de 1980, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a opressão masculina e a busca de igualdade. As feministas francesas traziam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, buscando maior visibilidade às experiências femininas (BARBOSA; LAGE, 2015).

Em meados da década de 1980 as feministas francesas passam a receber influência dos pensamentos pós-estruturalistas, assim surgindo a terceira onda do feminismo para discutir e corrigir algumas lacunas deixadas pela onda anterior. Nesse período, as categorias identitárias fixas e estáveis foram problematizadas e o gênero passou a ser compreendido como uma categoria relacional, havendo um deslocamento do campo de estudo sobre sexo e mulheres para o estudo das relações de gênero (NARVAZ; KOLLER, 2006).

A utilização do termo gênero se deu inicialmente pelas feministas americanas como forma de referir-se à construção social e histórica do masculino e feminino, ou seja, as construções sociais dos papéis atribuídos a cada um deles. Compreendendo assim a forma de agir e sentir-se homem ou mulher como resultado do contexto sociocultural ao qual o indivíduo está inserido (LOURO, 2008).

Esse termo começou a ser utilizado para rejeitar as justificativas biológicas, passando a dar ênfase a um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é determinado por ele. O termo possibilita a discussão das relações de poder entre homens e mulheres e explicita a construção da desigualdade entre eles na história das sociedades ocidentais. Atualmente, o rompimento da dicotomia que destinava os homens ao domínio público e as mulheres ao domínio doméstico não esgotou a necessidade de se discutir as relações de gênero, já que as relações de poder são inerentes à elas e todas as relações sociais sofrem transformações constantes e contínuas ao longo da história (SCOTT, 1989).

A discussão de gênero vem se tornando cada vez mais frequente no âmbito acadêmico, tendo em vista mudanças ocorridas entre a representação social dos papéis femininos e masculinos ao longo do tempo e o seu impacto na sociedade. Podemos considerar que essas mudanças se deram a partir da inserção da mulher em espaços tidos culturalmente como masculinos, assim possibilitando uma maior convivência e visibilidade das mulheres.

O debate de gênero busca problematizar os papéis de homens e mulheres na sociedade e esses papéis são construídos através de diferentes representações, uma delas é a música. Conforme descreve Maria Ignez Cruz Mello (2005, p.11), “a música é percebida como a arte do controle, do tempo e do espaço, em conjunto com a dança, bem como uma “[...] manifestação de diversos poderes, como os de

cura e transformação”. Antes da canção ser um formato musical e um discurso, ela narra ou mimetiza acontecimentos reais da vida do sujeito, sendo uma forma possível de autocompreensão com base no espelho midiático da época (VALVERDE, 2012).

As músicas são capazes de transmitir e refletir representações presentes na sociedade, bem como operar em relação à construção e afirmação de identidades (SENRA, 2014). Além disso, o consumo da música se intensificou devido às novas possibilidades de compartilhamentos e facilidade de acesso através dos dispositivos móveis, esse fato se deu devido ao desenvolvimento do formato mp3¹.

É comum que os diferentes grupos identitários acabem se utilizando das músicas como mais um marcador simbólico para a construção de suas identidades. Podemos ver isso nos surfistas, skatistas, moradores de periferia entre outros. Em todos esses exemplos a música é utilizada como um reforço das suas características, seu *ethos* e da sua identidade. Dentre as diferentes possibilidades de estilos musicais que possuem relação com grupos identitários, escolhemos as músicas de vaquejada², por essa prática ser reconhecidamente masculina e as músicas, muitas vezes, envolverem a figura da mulher.

As músicas de vaqueja vêm se impondo como um estilo musical que tematiza o cotidiano do vaqueiro, a vida no campo e as competições de vaquejada.

A vaquejada surgiu a partir das festas de apartações entre os séculos XVII e XVIII. Nesse período, as fazendas não eram delimitadas por cercas e os gados eram ferrados e soltos na caatinga para que pudessem se alimentar, cabendo ao vaqueiro o traslado do gado para outras regiões. Nos meses de junho e julho, período de inverno no Nordeste, os vaqueiros eram solicitados pelos coronéis a realizarem a captura do gado que iria para a comercialização. Os peões entravam nas matas a cavalo para capturar o gado e o rebanho que resistia era perseguido e derrubado pela cauda (CASCUDO, 1976; FELIX; ALENCAR, 2011).

Os padrões passaram a organizar disputas e torneios, onde realizavam apostas entre si, enquanto os vaqueiros mostravam suas habilidades (SILVA; AZEVEDO, 2014). Assim, surgiram as corridas de mourão, no início na década de 1940, quando os vaqueiros corriam dentro do pátio da fazenda para derrubar o boi (AIRES, 2008).

A inovação da pecuária nas primeiras décadas do século XX, período em que o Brasil começou a receber outras raças de gado, trouxe novos modos de lidar com os animais (AIRES, 2008; BARBOSA, 2006). Essas mudanças foram cruciais para o surgimento da vaquejada moderna. De acordo com Silva e Azevedo (2014), os fazendeiros, principalmente do Nordeste, começaram a cobrar uma taxa dos vaqueiros para competir. Desta forma, a prática ganhou maior visibilidade e passou a fazer parte de eventos locais, tonando-se um evento de exibição nas cidades.

Considerando que esse meio reproduz papéis e, como espaço cultural, está aberto a tensões e ressignificações, o presente estudo busca analisar a representação da mulher nas principais letras de músicas da vaquejada.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca a descrição de informações através de dados descritivos, não tendo como objetivo a quantificação dos dados

coletados. Assim, proporcionando análises e interpretações mais profundas dos dados, fornecendo uma análise detalhada das investigações (LAKATOS; MARCONI, 2009).

Para a seleção das músicas sobre a vaquejada, buscamos uma ferramenta que pudesse indicar aquelas que possuíam maior relevância para este contexto. Entretanto, percebemos que faltam ferramentas analíticas e instrumentos de pesquisa que analisam a produção de músicas (ALENCAR, 2000). Na falta de ferramentas mais consagradas no campo acadêmico buscamos investigar fontes que pudessem fornecer indicadores de relevância sobre estas. Foi neste contexto, que utilizamos o site Vagalume®.

O site vagalume é um portal brasileiro de músicas que tem como parceiro o portal de notícias da Rede Record - R7, podendo ser acessado pelas redes sociais (facebook, twitter, google+, youtube e instagram), no computador (google, media player, iTunes, tumble e winamp) e no smartphone (google play e app store). Este contempla músicas pelos estilos musicais, através de rádios (vagalume FM, Saudade FM, 89 FM a Rádio do Rock, Oi FM, CocaCola FM, Girassol, Conect Rádio e Vibe Sertaneja) e cadastramento de artistas, letras e álbuns pelos usuários. O site pode ser acessado por pessoas que possuam ou não usuário cadastrado. A escolha deste se deu devido a abrangência e disponibilização das músicas de cada estilo musical com um ranking de acesso dos usuários que é atualizado semanalmente e por contemplar as músicas de vaquejada.

Portanto, a análise do site vagalume foi a primeira estratégia para identificar as músicas de relevância neste contexto e garantir, de primeira forma, a validade externa sobre a escolha das músicas. A partir disso, foram selecionadas as sessenta primeiras músicas do ranking, utilizando a palavra vaquejada no campo de busca do site.

Após a seleção das 60 primeiras músicas no ranking, buscamos a construção de um instrumento que possibilitasse uma maior validade interna na seleção das músicas. Isso porque as primeiras 60 músicas do ranking poderiam ter uma alta posição no ranking, devido ao sucesso momentâneo de algum cantor ou pela música estar sendo agenciada pelo mercado fonográfico.

Foi, então, construída a *Ficha de Verificação de Relevância de Músicas para Vaquejada* para verificar a relação das músicas ao contexto cultural da vaquejada. Esta ficha seria avaliada por especialistas do campo musical da vaquejada para que esses assegurassem que estas músicas eram representativas neste meio.

Na ficha, as 60 músicas do site foram listadas pela sua ordem de classificação no site vagalume com suas características: título da música, intérprete, refrão e o grau de relevância da música (pouca, média e muita). Para responder a ficha buscou-se especialistas para garantir a validade interna da pesquisa.

Não houve nenhum tipo de delimitação do arco temporal das músicas, pois independentemente do ano de gravação ou regravação das músicas, o primordial era a representatividade dessas para o cenário no momento da pesquisa. Por isso, foram convidados os especialistas. Os especialistas foram escolhidos a partir dos seguintes critérios de seleção: ser músico profissional com três anos ou mais de experiência neste estilo musical e participar de shows em eventos de vaquejada. Para encontrar os especialistas fez-se uso da técnica da bola de neve de Howard

Becker (1993), onde o primeiro especialista indicou o segundo e assim consecutivamente.

Em seguida, três especialistas responderam ao instrumento de pesquisa indicando o grau de relevância das músicas a serem analisadas. A aplicação da ficha foi realizada nos escritórios dos especialistas em horário previamente indicado por eles. Todos preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e foram informados acerca dos procedimentos da pesquisa.

Posteriormente, as músicas consideradas por dois ou mais especialistas como de “muita” relação com a vaquejada entraram para a análise, sendo excluídas as que possuíam interpretes diferentes, mas que se repetiam. Após a aplicação do instrumento de pesquisa foram selecionadas um total de 19 músicas.

Em seguida, as músicas foram analisadas na íntegra através da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Essa técnica consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção de mensagens.

A análise ocorreu em três etapas. No primeiro momento realizamos a pré-exploração do material através de leituras flutuantes. No segundo momento ocorreu a seleção das unidades de análise e ao final a categorização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da seleção dos especialistas, foram excluídas as músicas que se repetiram e que não faziam nenhuma referência ao gênero feminino. Após a apreciação das músicas na íntegra, foram criadas cinco categorias a serem analisadas em cada música, levando-se em consideração a incidência das mesmas, como se pode observar na tabela abaixo.

Quadro I – Categorias das letras de Vaquejada

Categorias	Definição	Incidência
A mulher como objeto de entretenimento	Situações onde a mulher é retratada como objeto de diversão e prazer.	15
A invisibilidade da mulher	Atitudes que trazem a virilidade do homem, a dominação e valorização deste pelos bens materiais, presença da mulher e símbolos do vaqueiro (derrubar boi, cachaça, roupas, vencedor, dentre outros) como valorização do homem.	15
A figura feminina romantizada	Utilização da figura feminina como inspiração romântica, exaltação da beleza, admiração e as situações em que as mulheres participam da vaquejada para prestigiar os vaqueiros nas competições e aplaudindo.	11

Fonte: Autoria própria

A) A mulher como objeto de entretenimento e submissão

Essa categoria apresentou 15 incidências, tendo sido considerados os trechos que retratam a mulher como objeto de diversão e prazer.

Encontra-se de forma geral uma tentativa de apropriar-se dos atributos corpóreos. Nessas letras, ao mesmo tempo em que esses atributos são associados ao desejo masculino, a possibilidade de seu uso e domínio é enaltecida. Nessas construções de gênero, a beleza do corpo feminino desperta a vontade do homem, mas também sugere a autoridade desse sujeito sobre a corporeidade e a subjetividade feminina.

Conforme pode ser observado no trecho abaixo, por trás do cuidado está a ideia da submissão da mulher ao homem, assim como sua incapacidade de realizar algo sem a presença masculina, retratando-a como dependente para a realização das suas atividades e a impedindo de entrar em contato com outras pessoas. O casamento seria a forma de domínio do homem sobre a mulher. Essas representações não podem ser compreendidas sem considerarmos a estrutura patriarcal que caracteriza a trajetória e o entendimento do papel da mulher na nossa sociedade. Durante décadas as mulheres estiveram submissas às figuras masculinas, sendo seu papel reduzido à procriação e cuidados do lar. O matrimônio acontecia de acordo com os interesses financeiros da família, assim as mulheres se casavam muito cedo e não tinham o direito de escolher o seu cônjuge, responsabilidade que caía ao seu genitor (SANTOS; SACRAMENTO, 2011). Como podemos perceber, ainda nos revela uma tentativa de apropriar-se dos atributos corpóreos. Nessas letras, ao mesmo tempo em que esses atributos são associados ao desejo masculino, a possibilidade de sua operacionalização e domínio é enaltecida. Ou seja, nessas construções de gênero, a beleza do corpo feminino desperta o interesse do homem, mas também sugere a autoridade deste sujeito sobre a corporeidade e subjetividade femininas.

“Ah se eu fosse casado
Com uma mulher daquela
Eu contratava a mim mesmo
Pra viver cuidando dela
Não pisava nem no chão
Só eu lhe passava a mão.”
(Mulher Casada – Interpretada pela
banda Arreio de Ouro)

Em outro trecho identificamos um enaltecimento da beleza feminina, mas ao mesmo tempo a sua vaidade é desconsiderada. Os trechos são iniciados como se ela não pudesse utilizar os seus adereços ou sua maquiagem, símbolos esses considerados culturalmente como femininos. Este ato é posteriormente justificado como se a beleza fosse determinada pelo biológico, natural, puro, sem necessidade de “correções” feitas pela maquiagem ou passível de influências culturais citadas no trecho da música. Podemos considerar que o “enaltecimento” da beleza feminina é utilizado como estratégia para manter a subordinação da mulher através do poder de decisão do homem sobre o uso ou não dos adereços e maquiagem.

“Rímel não use, sombra não coloque.
Seu rosto é perfeito, sem nenhum retoque.
Não mude o corte, nem pinte os cabelos.
Você faz moda, sem seguir modelos.
Anéis, pulseiras e brincos pra quê?
Você usa joia, se a joia é você.”
(Mudar pra quê? – interpretada pela banda
Arreio de Ouro)

O debate de gênero nos leva a referir sobre uma construção social e histórica da relação entre os sexos. As construções acerca das representações sociais dos homens e mulheres variam culturalmente, bem como são perpassadas por recortes de classe, raça e religião. Não obstante, os significados, símbolos e modelos comportamentais atribuídos a cada sexo serem historicamente transformados, verificamos a permanência de alguns atributos femininos ainda em nossos dias: se espera que a mulher seja frágil, delicada, organizada, dona de casa, amorosa, etc.; e que o homem seja forte, corajoso, pouco preocupado com a aparência e que possua mais iniciativa (LOURO, 1997).

Em outros trechos fica evidente a representação do papel do homem como viril, valente e dominador, cabendo à figura feminina uma representação de passividade e romantismo. No segundo trecho fica explícito a submissão feminina, onde o homem decide em que lugar e momento a mulher irá assumir cada um desses papéis na sua vida.

“E da vaquejada pro bar, do bar para o motel
E na boiada eu sou carrasco, na cama eu sou cruel.”
(Balada do Vaqueiro – Interpretada por Mano
Walter)

“Ai, ai, ai uma mulher pra xodozar,
Ai, ai, ai uma mulher pra namorar,
Ai, ai, ai uma mulher pra nós casar
sexta, sábado e domingo e segunda se separar.”
(Não sou Vaqueiro – Interpretada por Sirano e
Sirino)

Percebemos no primeiro trecho uma objetificação sexual do corpo feminino, onde a mulher é equiparada a um animal dominado pelo homem. Um modelo de masculinidade realizado pela agressividade e controle. O debate de gênero está na contramão das perspectivas que operam numa lógica na qual as experiências de feminilidade e de masculinidade se constroem em oposição, de forma inata e imutável.

O conceito de gênero está ligado a esquemas classificatórios que fazem oposição entre o masculino e o feminino, cabendo ao polo masculino a primazia em relação aquilo que é valorado como positivo, superior e que são historicamente construídos. Entender as relações de gênero nos permite compreender a posição das mulheres em nossa sociedade, numa posição de subordinação, nos permitindo ampliar nosso olhar para a relação existente entre sexualidade e poder (ANJOS et al, 2000).

B) A invisibilidade da mulher

Essa categoria apresentou a mesma representatividade da categoria anterior, contabilizando 15 incidências. Foram consideradas atitudes que remetem à virilidade do homem, dominação, valorização deste pelos bens materiais, presença da mulher e símbolos do vaqueiro (derrubar boi, cachaça, roupas, vencedor, dentre outros) como valorização do homem.

O padrão de dominação masculina, conforme identificamos nessa categoria, foi responsável pela representação de alguns estereótipos construídos ao longo dos anos. A mulher assumia um papel secundário ao ser vista como frágil e submissa e aos homens eram destinados os papéis de forte, dominador, viril, conquistador de sucesso e poder. Esses atributos são típicos do modelo patriarcal que com as mudanças políticas, sociais e econômicas passaram a ser questionados (SANTOS, 2010).

Nos trechos abaixo podemos perceber um modelo de ser homem pautado na competitividade, agressividade, busca do poder e sucesso. Esse fato fica evidente quando se faz menção aos bens materiais, aquisição das bebidas e o seu uso excessivo. De acordo com Aires (2008) o consumo de bebidas alcoólicas surge na vaquejada como forma de obter controle sobre a ansiedade por parte de alguns competidores, como também fazem uso desta nas festas que acontecem paralelamente às vaquejadas.

“Não ando a cavalo, eu só ando de carro, mas sou doido por embalo com as mulheres na bagaceira.”
(Não sou Vaqueiro – Interpretada por Sirano e Sirino)

“Whisky, red bull e o bolso cheio de dinheiro
Galera fica louca na balada do vaqueiro...
Mande lavar meu carro, regular meu paredão.”
(Balada do Vaqueiro – Interpretada por Mano Walter)

“Tá bebendo muita cana, tá botando é pra quebrar,
Desmantelo e Cachaçada ele nunca perde não, aguenta
muita cana e Montilla com limão, é o maior Bonequeiro
da Família dos Leitão.”
(Oh mãe, oh que calor – Interpretada por Luan Maia)

Os trechos mostram a busca do homem para provar sua masculinidade constantemente através de símbolos como a ostentação de bens materiais. Esse fato pode se dar devido às conquistas adquiridas pelas mulheres em relação aos direitos civis e sua inserção em espaços públicos, responsáveis pelas mudanças no modelo patriarcal, bem como uma nova definição de ser homem.

Podemos considerar que o consumo está atrelado a visibilidade e poder de seduzir as mulheres, ao mesmo tempo em que a vaquejada está fundada na espetacularização da imagem do vaqueiro. É por esse jogo de imagens que a figura masculina é erigida e reproduzida. Esses padrões de masculinidade percebidos

estão fundamentalmente relacionados às representações que esses sujeitos constroem em torno da mulher, seu corpo e identidade.

Pinto (2010) considera que esse perfil de masculinidade pautado na virilidade, agressão, força, poder e competição remetem aos valores que ainda estão presentes em nossa sociedade e que esse modo de pensar e agir influencia na sua exaltação e reprodução. Valores que se refletem no universo contemporâneo da vaquejada. Não podemos esquecer, afinal, que estamos falando de um evento que necessita e possibilita grandes financiamentos.

Apesar de identificarmos esse modelo de masculinidade nas letras de músicas de vaquejada, não podemos desconsiderar outras formas de poder e masculinidade. Encontramos ainda músicas que trazem a cachaça, roupas, derrubar boi, vencedor, dentre outras características como símbolos do vaqueiro e valorização do homem. Muitos desses atributos são encontrados na prática do vaqueiro, onde este precisa ter domínio sobre o cavalo e o boi, exercer força ao derrubar o boi, ser reconhecido no meio e conquistar prêmios.

A vaquejada surgiu no início do século XX como substituição das apartações. Nesse contexto, os vaqueiros eram vistos como personagens reinventados culturalmente e historicamente. Sendo a representação do vaqueiro associada à visibilidade conquistada através das premiações, considerando que a sua busca constante se dá devido ao campo da masculinidade ser movediço (BARBOSA, 2006).

No estudo realizado por Aires (2008), os entrevistados relatam a busca constante pelas premiações e estas, por sua vez, acabam reforçando símbolos de sua masculinidade. Considerando que uma das condições de ser vaqueiro é correr e conquistar prêmios, essas características são expressas em vários trechos:

“Sou vaqueiro nordestino puxar boi é meu destino.
Sou o rei da vaquejada puxo boi desde menino,
o que é de garrote gordo derrubei pelo caminho.”
(A Vaquejada – Interpretada pela banda Arreio de Ouro)

“Eu vou pegar na cauda e puxar meu bate esteira,
no meio da faixa vou botar o boi no chão,
vou ouvir o juiz gritando valeu boi
e o povo confirmando que eu sou campeão.”
(Vou pra vaquejada – Interpretada pela banda Solteirões do Forró)

“Desde cedo assumi minha paixão de ser vaqueiro
e ser um campeão nas vaquejadas sempre fui batalhador
consegui respeito por ser um vencedor.”
(Saga de um Vaqueiro – Interpretada pela banda Caviar com Rapadura)

“Pra derrubar touro brabo, tem que ter força no braço,
Pra ser bom vaqueiro tem que fazer como eu faço.”
(Fim de Semana – Interpretada pela banda Arreio de Ouro)

O boi é visto pelo vaqueiro como um risco, pois este pode vencê-lo ao se esquivar na pista. A valorização da representação social do vaqueiro se dá ao derrubar o boi, passando a ser visto como forte e bravo. Ao relatar a derrubada desde menino, fica claro a tradição desta prática. Além de ficar evidente que a vaquejada é considerada uma prática masculina, pois em nenhum momento se fala da participação ou inserção da mulher nas competições.

A vaquejada é tida como algo central na construção da masculinidade, onde o patrão e o vaqueiro têm como um local para adquirir dinheiro e fama. São desenvolvidas atividades como compra de cavalos, participações em disputas, contratação de vaqueiros, dentre outras. Apesar de ser um meio para os patrões investirem recursos financeiros e os vaqueiros adquirirem sua sobrevivência, é para os dois uma forma de obter dinheiro e fama (AIRES, 2008).

O autor ainda descreve sobre a representação corporal do vaqueiro, onde este é visto como um exemplar de estereótipos de um “homem verdadeiro” (leia-se homem heterossexual). Esse fato fica evidente levando em consideração a extensão dos seus trajes por outros homens durante as festas, onde muitas vezes são reproduzidos por homens que não participam das competições. Os trechos abaixo retratam esses estereótipos do vaqueiro:

“Separei meus cavalos, quarto de milha, alazão
Peguei a minha cela, espora, luva e chicote
Coloquei os cavalos lá em cima do reboque.”
(Balada do Vaqueiro – Interpretada por Mano
Walter)

“Diz ele quando eu morrer coloque no meu caixão
Meu uniforme de couro Perneira, chapéu gibão
Pra mim brincar com São Pedro nas festas de apartação.”
(Vaquejada - Alcymar
Monteiro)

“Quando eu vou pra vaquejada com o meu lindo alazão
Eu me sinto o Rei do Gado derrubando o boi no chão
Com a minha indumentária completa não abro mão
O meu grito é uma pancada, chapéu de couro e gibão
Arreios de ouro e prata, cinto de fivela e facão.”
(Vaquejada é atração (O Rei do Gado) - Walther
Bernardinho)

Os trajes são colocados como parte dessa caracterização do vaqueiro, onde este tem que possuir não só o melhor cavalo para poder realizar as melhores manobras, mas ao mesmo tempo necessita da fivela, espora, luva, chicote, chapéu de couro e gibão. A afirmação do “cabra macho” associada à figura do vaqueiro possui grande representatividade para esse contexto, ficando evidente ao solicitar esses acessórios em seu caixão.

C) Romantização da mulher

Nesta categoria foram consideradas situações que fazem menção à figura feminina como inspiração romântica, exaltação da beleza, admiração e às situações em que as mulheres participam da vaquejada para prestigiar os vaqueiros nas competições. Essa categoria apresentou menor representatividade, contabilizando 11 incidências.

O gênero é um conceito utilizado para analisar as representações do que se considerou ser homem e mulher ao longo da história, o que se espera do comportamento, atitudes em relação a cada um deles, ou seja, a identidade social do masculino e feminino (LIMA; ZUCCO, 2010).

A letra abaixo faz menção à beleza feminina de forma geral, mas há um enaltecimento dos atributos da amada. Quando a mulher é comparada a uma flor, podemos considerar que esta simboliza beleza e delicadeza. Observamos também que a mulher é tida como a responsável por fazer o homem se sentir bem, e quando consegue, passa a ser merecedora de amor e importância.

“Ô mulher você é linda, és a linda das mais lindas,
igual a você não tem. És a flor que solta o cheiro,
rainha desse vaqueiro, você só me faz o bem.
Meu coração é só teu, já reconheci que eu
sem você não sou ninguém.”
(A linda das mais lindas – Arreio de Ouro)

Pierre Bourdieu (2002) descreve que os padrões de feminilidade como disponibilidade, atração, simpatia, submissão e discrição colocariam as mulheres em um lugar de dependência simbólica, sendo esses padrões construídos socialmente e responsáveis pela significação da sua existência.

Algumas dessas características podem ser encontradas em outros trechos, como podemos observar abaixo. No primeiro, percebemos que o sorriso da menina é admirado e naturalizado pela figura masculina como uma das belezas do sertão, assim como o gado. Apresenta uma visão feminina passiva, delicada e romântica quando se refere ao sentimento feminino. O segundo trecho também apresenta a passividade e romantismo feminino. Esse fato fica evidente quando lhe é solicitado que fique à espera do seu amado. Mas ao mesmo tempo o homem expressa seu romantismo e demonstra corresponder aos sentimentos da amada. No terceiro, a figura da mulher.

“O que vejo de belo no sertão
É o gado correndo na colina
O sorriso na boca da menina
E o segredo que tem em seu coração.”
(Vida de vaqueiro – Interpretada por Mano Walter)

“Mulher de gado olhe me espera
vou correndo apaixonado para
os braços dela, vou plantar seu amor
no meu coração... vou escrever
seu nome na capa da minha sela.”

(Vou pra vaquejada – Interpretada pela banda Solteirões do Forró)

Percebe-se a reprodução das relações de gênero socialmente desiguais e hierarquizadas. Ao mesmo tempo em que a mulher ocupa esse lugar de passividade e romantismo, o homem é visto pela sociedade como ativo, corajoso e sendo responsável por tomar iniciativas (BOURDIEU, 2002). Esse fato pode ser identificado no seguinte trecho:

“Eu farei tudo na vida
Para o nosso amor não ter fim
Enfrento até o pai dela
Se tiver de ser assim
De tudo serei capaz
Só não me acostumo mais
Com ela longe de mim.”

(Mulher Casada – Interpretada pela banda Arreio de Ouro)

A figura masculina demonstra a sua posição de ativa nos relacionamentos ao demonstrar a sua coragem ao mencionar que seria capaz de qualquer coisa para ter a mulher ao seu lado. Ao mencionar que enfrentará o pai da amada, fica evidente o seu desejo de tê-la ao seu lado, bem como um ato de coragem para provar a sua masculinidade. O trecho também expressa o quanto a mulher ainda está à mercê da figura masculina, pois para se relacionar precisa ter a aprovação de seu genitor, assim como necessita ser pedida em casamento pelo seu companheiro. Assim, estando sempre sob o poder masculino, no primeiro momento do seu pai e no segundo, do seu amado.

Mesmo apresentando um lugar romantizado e de passividade, encontramos mais uma representação feminina no cenário da vaquejada, conforme observamos abaixo:

“Da arquibancada uma morena me aplaudia”
(Saga de um Vaqueiro – Interpretada pela banda Caviar com Rapadura)

Esse trecho acena para uma mudança do cenário hegemonicamente machista (ou sexista) da vaquejada representada pela maioria das músicas, mudança sutil, mas importante. Aqui a mulher está presente nesse contexto, ainda que seja com essa representação distanciada da prática.

CONCLUSÃO

Considerando as músicas como uma forma de reforço e reprodução de papéis sociais, buscamos analisar a representação da mulher nas letras das principais músicas de vaquejada.

Ao analisar os dados, construímos três categorias explicativas: a mulher como objeto de entretenimento, a invisibilidade da mulher e a figura feminina romantizada.

Na categoria, a mulher como objeto de entretenimento, observamos uma concepção da mulher como um objeto que pertence ao homem e que tem como principal função atender as vontades românticas e sexuais do parceiro. As letras destacam a posição de inferioridade da mulher, sendo atribuído a ela um lugar de passividade em suas relações.

Na segunda categoria, sobre a invisibilidade da mulher, observamos letras que remetem à virilidade do homem, dominação, valorização deste pelos bens materiais e símbolos do vaqueiro. E a figura da mulher é equiparada a esses outros elementos. É por esse jogo de imagens que a figura masculina é erigida e reproduzida e a da mulher é invisibilizada.

Na categoria da figura feminina romantizada, as letras apresentam uma comparação da mulher com elementos que simbolizam beleza e delicadeza. E mostram as mulheres como incentivadoras e admiradoras do seu amado.

Percebemos nas letras uma reprodução acerca dos estereótipos relacionados ao modelo patriarcal tradicional, o que nos leva a refletir sobre a reprodução de valores e normas machistas cultivadas socialmente ao longo dos séculos.

Apesar da predominância masculina na vaquejada, as mulheres têm se apropriado desse espaço por meio das competições, compondo e cantando. Todavia, percebe-se que há um silenciamento e invisibilidade, assim necessitando de pesquisas que discorram sobre esses cenários.

The representation of the woman in cowboy music

ABSTRACT

This article aims to analyze the representation of women in lyrics of the “vaquejada” songs. From the Vagalume® site, the first sixty songs in the ranking were selected, using the word “vaquejada” in the search field of the page. To ensure internal validity, a Song Relevance Check Sheet for “Vaquejada” Songs was created. The form was answered by three experts. We included songs considered by two or more experts to be “very” related to the vaquejada”, accounting for 19 songs. The lyrics were analyzed through content analysis by Bardin (2011). Three categories were created: (the woman as an object of entertainment, the invisibility of the woman, the romanticized female figure). It is concluded that the lyrics of the songs analyzed reproduce certain stereotypes of the broader social context, punctuating the body and identity of women as objects available to male desires and pleasure.

KEYWORDS CLAVE: Woman. Vaquejada. Music.

Representación de la mujer en la música de la vaquera

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la representación de las mujeres en las letras de músicas la “vaquejada”. Desde el sitio Vagalume®, se seleccionaron las primeras sesenta canciones en el ranking, usando la palabra vaquejada en el campo de búsqueda de la página. Para garantizar la validez interna, se creó una Hoja de verificación de relevancia de canción para “Vaquejada”. El formulario fue respondido por tres expertos. Incluimos canciones consideradas por dos o más expertos como “muy” relacionadas con la vaquejada, lo que representa 19 canciones. Las letras fueron analizadas a través del análisis de contenido por Bardin (2011). Se crearon tres categorías: (la mujer como objeto de entretenimiento, la invisibilidad de la mujer, la figura femenina idealizada). Se concluye que las letras de las canciones analizadas reproducen ciertos estereotipos del contexto social más amplio, puntuando el cuerpo y la identidad de las mujeres como objetos disponibles para los deseos y el placer de los hombres.

PALABRAS CLAVE: Mujer. Vaquejada. Musica.

NOTAS

¹ Mp3 é uma abreviação de MPEG Layer 3, um formato de compressão de áudio digital que minimiza a perda de qualidade em músicas ou outros arquivos de áudio reproduzidos no computador ou em dispositivo próprio

² Apesar das mudanças na vaquejada contemporânea, Aires (2009) considera que esta não se desconecta do seu passado, consistindo no “ato de puxar o boi pelo rabo”. Conforme descreve Cascudo (1969), esse ato se dá por um par de vaqueiros que correm lado a lado, onde o da esquerda (esteira) mantém o boi em reta e passa o rabo deste para o da direita, que fica responsável por derrubar o boi com sua puxada, deixando este cair em um local determinado.

REFERÊNCIAS

AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O "espetáculo do cabra macho"**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. Cultura e identidade nos sertões do Brasil: representações na música popular. In: **Actas del III Congreso Latinoamericano de la Asociación para el Estudio de la Musica Popular (IASPM)**. 2000.

ANJOS, Gabriele et al. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, v. 2, n. 4, 2000.

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **"Valeu boi!"**: (o negócio da vaquejada). Universidade Federal do Piauí, Teresina: EDUFPI, 2006.

BARBOSA, Geovane dos Santos; LAGE, Allene Carvalho. Reflexões sobre o movimento feminista na América Latina. **Revista Lugares da Educação, Bananeiras-PB**, v. 5, n. 11, p. 92-103, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa. Portugal, 2011.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASCUDO, Luis da Camara. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Fundação José Augusto: Natal, 1976.

FELIX, Francisco Kennedy Leite; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. **Revista Geográfica de América Central**, 2, 1-13 Universidad Nacional Heredia, 2011.

LIMA, Bianca de Azevedo; ZUCCO, Luciana Patrícia. Representações de gênero em letras de música juvenil-estudo do caso " Paquitas New Generation". **Prisma. com**, n. 11, p. 103-119, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MELLO, Maria Ignez Cruz M. I. C. **lamurikuma**: Música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociologia Política**, Curitiba, 18(36), 15-23, 2010.

SANTOS, Ramaiane Costa; DO SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira. O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas. **Anagrama**, v. 5, n. 1, p. 1-10, 2011.

SANTOS, Simone Cabral Marinho. O modelo predominante de masculinidade em questão. **Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, p. 59-65, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educ. e Realid.** v. 20, n. 2, 1989.

SENRA, Isabela Zumba Mascarenhas. **Canções vadias**: mulheres, identidades e música brasileira de grande circulação no rádio. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Gilnara Karla Nicolau; AZEVEDO, Francisco. F. Consumo versus cultura: a vaquejada utilizada como instrumento para a reprodução do capital em macaíba-RN. **Revista de Geografia** 31(3), 2014.

VAGALUME, (2016). Disponível em: www.vagalume.com.br . Acesso em: 01/03/2016.

VALVERDE, Monclar. A formatação da audição: A inscrição dos modos de escuta musical no campo da tonalidade. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 35-54, 2012.

Recebido: 06/10/2019.

Aprovado: 19/03/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v13n42.10928.

Como citar: SANTOS, Anyelle Brito Leite; MOURA, Camila Batista Gama; CAVALCANTI, Tassia de Souza; MOURA, Diego Luz. A representação da mulher nas músicas de Vaquejada. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n. 42, p. 136-152, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Diego Luz Moura

Av. José de Sá Maniçoba, s/d, Centro, Petrolina, Pernambuco, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

